

# MEMÓRIA ESPORTIVA: CONSIDERAÇÕES ACERCA DO BASQUETEBOL NA CIDADE DO RIO GRANDE/RS

VIVIANE TEIXEIRA SILVEIRA  
PPGICH/UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA/FLORIANÓPOLIS/SANTA CATARINA/BRASIL  
[vividich@gmail.com](mailto:vividich@gmail.com)

MATEUS TREVISAN FRANÇA  
[franca\\_mateus@hotmail.com](mailto:franca_mateus@hotmail.com)

TATIANA TEIXEIRA SILVEIRA  
IFRS/CAMPUS RIO GRANDE/RIO GRANDE DO SUL/BRASIL e  
PPGE/UFPR/CURITIBA/PARANÁ/BRASIL  
[tatisilve@hotmail.com](mailto:tatisilve@hotmail.com)

## Introdução

Uma das principais justificativas dessa pesquisa<sup>1</sup> dá-se por Rio Grande ser a cidade mais antiga do estado (RS), e apresentar traços culturais fortíssimos de clubes esportivos antigos que, por via de fatos e conquistas, traçaram uma história esportiva-cultural muito forte. Na atualidade, esta história está relegada a um segundo plano pela população e pelas instituições responsáveis pela implementação de políticas esportivas. Assim, as memórias que por ali passaram vão sendo deixadas para trás, perdendo-se com o tempo.

Dar um retorno à comunidade rio-grandina, por meio desse estudo, escrever uma história “vista de baixo” pelas pessoas que vivenciaram e construíram um momento histórico numa cidade do interior do Brasil e, que por vezes, deixa de ter validade por não se tratar da “história de verdade”<sup>2</sup>, definem a importância desse estudo para diversas áreas do conhecimento acadêmico, como a História, a Educação Física, a Política Pública e a Educação, entre outras.

Não pretendemos descobrir a verdade oficial, e sim fazer uma outra história, a partir dos depoimentos coletados e de cruzamentos com dados oficiais da história escrita e falada. Pensamos em descrever os caminhos percorridos pelo basquetebol na cidade e a importância deste para a construção da memória do coletivo<sup>3</sup> de pessoas que vivenciaram o esporte enquanto fenômeno social local, estadual e nacional. Nesse trabalho, o enfoque será dado às pessoas que efetivamente praticaram o esporte – os atletas.

Também buscamos apontar formas pelas quais as subjetividades<sup>4</sup> dos atores atravessados por esta história constituíram-se, ou seja, como se processam as memórias e lembranças individuais de acontecimentos que influenciaram direta e indiretamente a difusão,

---

<sup>1</sup> Esse artigo é resultado de uma pesquisa realizada em virtude da conclusão do curso de licenciatura em Educação Física. Para tanto, entrevistamos três personagens históricos do basquetebol da cidade do Rio Grande. Cada entrevista apresentou sua versão sobre as histórias protagonizadas e sobre o basquetebol ao longo de sua trajetória.

<sup>2</sup> A história pretendida por este trabalho, não é essa que se dobra à vontade da verdade absoluta interpretada por quem “realmente” entende a história (historiadores), ela simplesmente quer deixar que os fatos, vontades, dissociações, rupturas, esquecimentos, falem e nos contem a história das maneiras que assim se apresentarem, independentemente deles mesmos em alguns ou quaisquer casos.

<sup>3</sup> Para mais, ver: HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

<sup>4</sup> A subjetividade é entendida nesse estudo sob a perspectiva de sua produção, seja ela produzida por instâncias individuais, coletivas e/ou institucionais. É entendida também como plural, na medida em que se constitui pelas reivindicações de uma singularidade subjetiva. Como bem define Guattari (1993, p.17): “o conjunto das condições que tornam possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial auto-referencial, na adjacência ou na relação de delimitação com uma alteridade em si mesma subjetiva”.

as conquistas e, conseqüentemente, o atual desaparecimento dessa prática na cidade, através desses depoimentos e dos fatos descritos em documentos oficiais da época. Desta forma, buscamos mapear as memórias do basquetebol na cidade num dado período histórico (1965-1975)<sup>5</sup>.

Rio Grande não se desvincula de um processo gradual de mudanças, principalmente quando falamos de produção e atividades no tempo disponível. Essa mudança está diretamente vinculada ao quadro de industrialização presente na cidade entre o fim do século XIX e início do XX.

O esporte começa sendo praticado pela classe empregadora dentro dos clubes, podendo apontar o Clube de Regatas Rio Grande (C.R.R.G) como um dos pioneiros nesse sentido e os sindicatos e clubes de trabalhadores como responsáveis pela proliferação das práticas para o restante da cidade.

Desta forma, questionamentos surgem quando pensamos no quadro atual do esporte na cidade: como e quanto aparecem nos discursos de habitantes mais antigos a história de um basquetebol de sucesso e conquistas? Em que momento essa lembrança histórica apaga-se da atualidade de um esporte como esse na cidade? Porque esse histórico do basquetebol não tem visibilidade e importância na cultura esportiva atual? Como um passado com uma influência tão grande do esporte pôde se transformar num quadro de apagamento quase completo dessa cultura na cidade?

## **A memória esportiva reconfigura a cidade do Rio Grande**

Para entendermos a expansão do basquetebol nos clubes que iniciaram com a prática do remo e do “futebol de salão”, é preciso entender a história da cidade do Rio Grande, que conta com uma formação de luta e resistência, em detrimento do crescimento industrial, alavancado por grandes indústrias, pela criação da primeira refinaria de petróleo do país e, conseqüentemente, suas lutas feitas pelos movimentos sindicais e trabalhistas.

Essa tradição de luta e resistência, construída no início da sua história e reafirmada pelos trabalhadores na primeira metade do século XX, até a primeira metade da década de 60, foi interrompida com o golpe militar de 1964, que perseguiu e banuiu os seus opositores, e desarticulou, como podemos hoje perceber, a memória da cidade. Rio Grande foi transformada em Área de Segurança Nacional. A cidade, bem como o país inteiro, sofreu um processo de “apagamento” de sua memória.

Assim como nas esferas política e econômica, na social também foram sentidos os efeitos dessa mudança. Rio Grande, berço do basquetebol no Rio Grande do Sul, cenário das grandes corridas de rua, das provas de remo e natação, dos clubes de futebol, do “futebol de salão”, do vôlei e do handebol e suas grandes disputas que lotavam os estádios e os ginásios; dos grandes cinemas e teatros; berço de grandes artistas; terra do clube de futebol<sup>6</sup> mais antigo do Brasil; vive hoje um “esvaziamento cultural” que causa perplexidade aos que conhecem sua história e percebem a importância dada a algumas atividades esportivas e suas emergências pioneiras no estado.

O depoimento de Curi (2009) corrobora a importância histórica que o esporte teve para cidade: “Podiam estar os nossos filhos aí participando, jogando, hoje tu tem esporte em Rio Grande? Com o futebol de salão aconteceu a mesma coisa, porque o Ipiranga [clube] parou, as disputas aí pararam! Não tem mais vôlei em Rio Grande!”.

---

<sup>5</sup> Durante a realização das entrevistas, houve discordâncias quanto a esse período histórico, mas optamos por utilizar essa data como referência, já que dois dos três entrevistados a utilizaram como o auge do basquetebol na cidade. Como registro, um deles referenciou a década de 1936-1946 como esse auge.

<sup>6</sup> Sport Clube Rio Grande (S.C.R.G). Para mais, ver: RIGO, Luiz Carlos. Memórias de um Futebol de Fronteira. Pelotas: Editora da UFPel, 2004.

Percebemos nos depoimentos orais a importância que o esporte teve na cidade, não apenas levando em consideração os títulos conquistados<sup>7</sup>, mas também pelas possibilidades de apropriação dessas práticas na cidade. Dessa forma, a configuração histórica desse esporte, mesmo quando buscamos outra versão de história, se caracterizou como elemento marcante, devido aos fatores que influenciaram a apropriação do basquetebol na memória dos entrevistados.

Para uma compreensão desse esporte, que foi referência na cidade durante algumas décadas, e formador de subjetividades, é necessário um panorama geral da inserção da *esportivização* das atividades e condutas<sup>8</sup>. O fenômeno da prática esportiva precisa ser compreendido na medida em que possa trazer contribuições às discussões sobre um grupo específico de pessoas e suas relações, como o basquetebol, no caso desse estudo.

O resgate histórico, nessa pesquisa, tornou-se relevante quando através da oralidade e da memória escutamos as histórias<sup>9</sup> da cidade contadas por seus próprios atores. Assim, o basquetebol, enquanto parte integrante dessa história, é objeto de linguagem própria de seus atores, de infinitos mundos vividos por eles enquanto praticantes do esporte. Longe do discurso da ascensão social<sup>10</sup> ou de qualquer outro tipo, esse basquetebol ganhou contornos próprios, com outros significados para essas pessoas.

## Memória e narrativa

Explicar a memória não é tarefa fácil, pelos diversos atravessamentos e manifestações presentes nesse ato. É um exercício acompanhado de emoções, reflexão e espírito, para que o relembrar seja lapidado e se torne uma reparação, e não uma repetição de um estado antigo. Confrontar fatos, opiniões, imagens, discutir com amigos e guardar o que foi vivido por uma sociedade cabe àqueles que de alguma forma viveram, escutaram e hoje ajudam a repassar a memória que tanto nos valoriza enquanto sujeitos. (Bósi, 2007).

Nesse trabalho, a memória e a narrativa têm papel central. Partimos das narrativas e memórias de ex- atletas e/ou ex-praticantes do basquetebol na cidade do Rio Grande, para vislumbrarmos a importância dada à modalidade por eles. Debates as memórias que surgiram dessas narrativas que, enfim, ajudarão a desenvolver o enredo dessa discussão.

Quando participamos de uma evocação, seja de outra pessoa ou nossa própria, adentramos uma parte que ainda existe sob forma de lembrança, mas que com certeza vagava esquecida, impossível no presente. Esses atletas nos fazem ter as sensações, as emoções das partidas e dos lances, dúvidas e treinos, brigas e amizades, como se nós mesmos estivéssemos presentes vivendo um pouco daquilo. Dessa forma, conseguimos entender um

---

<sup>7</sup> Para detalhar a relevância do basquetebol na cidade, podemos citar alguns títulos e vitórias desse esporte. Primeiramente, através do Clube de Regatas Rio Grande (C.R.R.G), que consagrou-se Campeão Estadual de Basquete Adulto em 1967 e 1973, e vice-campeão em 1968 e 1972. Na categoria juvenil, conquistou o vice-campeonato estadual de 1968 e 1971. O Regatas é o clube mais antigo no interior do estado. Nos primeiros anos, as atividades desse clube estiveram concentradas em torno do remo e da natação e, em função das mudanças sociais, posteriormente foram ampliadas para atividades como *water polo*, saltos ornamentais e basquetebol (1921). Podemos ainda citar a criação dos departamentos feminino (1933), de voleibol (1951), de atletismo e de tênis (1950). (GAUTÉRIO, 2000).

<sup>8</sup> Para mais, ver: ELIAS, Norbert. O processo civilizador. vol. 2. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

<sup>9</sup> Opta-se por usar essa nomenclatura tendo em vista a questão da narrativa, do conto, das fábulas que esse termo carrega, também se considera a possibilidade de trabalhar uma palavra/definição que escape à classificação tradicional da língua portuguesa, da norma culta, e que parta para a linguagem coloquial, bastante presente também nos discursos desses ex-jogadores de basquetebol, ao descrever o esporte e suas significações.

<sup>10</sup> Como o basquetebol chegou ao estado através do Clube de Regatas Rio Grande (C.R.R.G), no princípio apenas quem pudesse pagar poderia ter acesso a essa prática, portanto, a ascensão social associada ao desporto vira realidade apenas mais tarde, quando existe a disseminação dos esportes entre as camadas mais populares da sociedade, e quando os clubes da cidade perdem o controle sobre essas práticas. Em Rio Grande, existe a hipótese de essa disseminação estar vinculada à criação de clubes de operários das fábricas que ali se instalaram, acessando, dessa forma, os esportes de forma geral.

pouco do que representou essa experiência para eles e como a inexistência do basquete na atualidade os deixa nostálgicos e impotentes. Porém, nesse momento de “desabafo” passam a responsabilidade para as novas gerações. Curi (2009), bicampeão estadual pelo Clube Regatas, descreve:

Bom, então, como é que tu avalia a relação do basquete hoje em detrimento ao que era no passado? [...] Ah sem comparação! De cem pra zero! Zero, zero. Só não é zero por causa dos veteranos, que em termos de basquete não significa nada, não acrescenta nada. Porque é nostálgico. É uma nostalgia. Alguns aficionados, mais apaixonados é isso. Pena, né?

O processo de narrativa é construído pelo narrador e pelo ouvinte, o narrador que, ao narrar os fatos, memórias, faz evocar sensações numa parte tão importante quanto ele nesse processo, o ouvinte. A narrativa em si não está apenas em quem narra, mas tanto quanto em quem escuta. (Bósi, 2007).

Essa troca faz um momento ímpar. Quando se trata de estórias próximas<sup>11</sup> e ao mesmo tempo distantes, podemos então perceber os sujeitos integralmente expressando seus desejos, vontades, anseios, opiniões, enfim, ali, naquele momento, aquela narrativa transforma uma memória numa experiência compartilhada. Como descreve Bósi, (2007, p. 85): “A arte da narração não está confinada nos livros, seu veio épico é oral. O narrador tira o que narra da própria experiência e o transforma em experiência dos que o escutam.”

Ao ouvir as estórias de nossos entrevistados, conseguimos compreender muitas experiências pessoais com o basquetebol. Ao ouvir um saber incorporado de outras maneiras, estamos também reafirmando nossa própria estória como sujeitos.

Entre os entrevistados, a noção de coletividade estava presente no reconhecimento identitário<sup>12</sup> dos companheiros de equipe. O discurso da virilidade entre os entrevistados, por exemplo, era muito presente, apesar de díspar nas narrativas. Contudo, a proximidade das estórias revela o reconhecimento do outro como membro do grupo por diversas características comuns naquele coletivo e naquelas condições a que se submeteram em conjunto.

Curi (2009) contribui esclarecendo o reconhecimento identitário do grupo, lembrando-se de outro companheiro, Eduardo Lawson, que também foi entrevistado:

Não, mas entrou no esquema! Entrou brigava também. Na hora que precisava ele levantava o dedo, botava o dedo na cara e ia. Era tudo macho dentro da quadra! Os cara com personalidade tudo. Todos iam sabendo já o que tinha que fazer dentro da quadra.

O construir coletivo das memórias não necessariamente dependerá da exatidão das lembranças de um e de outro porque, como já vimos, a evocação de uma lembrança se processa de maneiras diferentes em cada sujeito. Nessa diferença, perceberemos os processos subjetivos das memórias.

Para Foucault, a ideia de experiência remete a uma outra noção dos processos de formação dos sujeitos, mais do que pelo âmbito social de construção desses, que estaria unicamente ligado a ideias hegemonicamente aceitas e a instituições de poder social. Este autor sugere que o sujeito também se constitui pela apropriação dos discursos que, muitas vezes, são experimentados de maneiras únicas por cada um, dando traços ímpares de vivência de uma cultura social única. (Rago, 2002).

---

<sup>11</sup> Considero próximas a mim essas estórias porque meu pai foi protagonista de algumas delas, já que jogou basquete em Rio Grande e contou algumas para mim quando criança. (Mateus França).

<sup>12</sup> Para mais, ver: POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

A formação subjetiva deve ser valorizada, em primeiro lugar, como experiência de um coletivo de pessoas que vivenciaram experiências marcantes porque grupo e, em segundo lugar, como uma experiência pessoal e formadora de um sentido próprio dentro de um grupo<sup>13</sup>.

Um dos desafios do trabalho com a história oral é a validação que os depoimentos trazem como contribuição para a constituição de uma história. Assim sendo, não é o método de coleta (depoimentos orais) que irá fornecer essa validade, mas sim o tratamento que estas informações irão receber, do ponto de vista teórico-metodológico. Não buscamos a realidade/verdade universal através da história oral, e sim a história que se apresenta através dela, numa versão peculiar.

A história oral pode ser bem descrita pela simples frase: “uma história vista de baixo” (Simson, 1997, p. 207). Essa metodologia não pretende a verdade como uma coisa fixa que deva ser acessada com intuito de desvendar os mistérios do mundo, mas como outra versão que está sendo colocada, ou seja, busca sim “[...] outros sentidos e significados para a história” (Simson, 1997, p. 208).

O principal obstáculo presente para a significação da história oral está em encarmos os acontecimentos de forma a descrever de antemão o objetivo a ser alcançado ao contarmos uma história<sup>14</sup>, dessa forma se evidencia que o uso dos fatos na história oral não serve à “história verdadeira” já que tem outras funções em termos de grupos ou pessoas (processos subjetivos) não marcantes para a história.

Permeiar esse processo de construção das memórias do basquetebol na cidade do Rio Grande quer dizer sentir as histórias e experimentá-las fazendo vínculos com aquilo que nós mesmos vivemos, analisando assim a destruição e o abandono dos clubes na atualidade, problematizar porque a grande maioria desses atletas continua jogando basquetebol em seleções de veteranos, pensar nas rupturas estruturais pelas quais passaram os clubes que outrora se caracterizavam como focos de disseminação do basquetebol na cidade, analisar as transformações políticas, econômicas e sociais que possam ter afetado a estrutura esportiva pelas quais passou a sociedade nesse intervalo de tempo.

Alguns desses depoimentos orais trazem à tona a paixão pelo esporte, a influência que esse esporte trouxe ao mercado de trabalho desses atletas, a experimentação deles enquanto dirigentes de políticas esportivas ou professores de escolinhas, a ideia de que o esporte exclui a droga e de que a cidade do Rio Grande foi pioneira em diversos eventos esportivos em virtude de sua localização marítima. Viver dessa história ainda faz parte desses atletas e mostra que, se dermos a devida atenção a essas lembranças, poderemos quem sabe traçar um outro mapa esportivo-cultural para a cidade.

## Referências

BÓSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembrança dos velhos**. São Paulo-SP, 2007. Editora Schwarcz Ltda. 14ª edição.

CURI, Melik Emiliano Castanheira. **Entrevista concedida a Mateus Trevisan França sobre a memória do basquete na cidade do Rio Grande**. Rio Grande- RS, 09/02/2009.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 17ª edição, Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002.

---

<sup>13</sup> Pensando o basquetebol, podemos categorizar que ele possui regras universais, que permitem a Rio Grande, por exemplo, jogar o mesmo jogo que se joga na China. Contudo, conhecendo as formas “inventadas” por ambos, reconheceríamos distintas maneiras de compreensão do que é basquetebol em cada um dos locais. O esporte moderno está vinculado a essa característica marcante, que pode ser distinguida como enriquecedora enquanto processo de experimentação. Para mais, ver: STIGGER, Marco Paulo. Educação Física, esporte e diversidade. Autores Associados. Campinas SP, 2005. – (Coleção Educação física e esportes).

<sup>14</sup> Esse estudo trabalhou na perspectiva de construção da memória do basquetebol na cidade a partir do tratamento do acervo dado pela produção de depoimentos que foram realizados com ex-jogadores de basquetebol. Para mais, ver: ALBERTI, Verena. **História Oral: A experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.

GAUTÉRIO, Marta Soares. **A cidade, as águas e as práticas esportivas: a história do Clube Regatas Rio Grande (1897-1999)**. Trabalho de Conclusão do Curso de História/FURG, 2000.

GUATTARI, Félix. Linguagem, consciência e sociedade. **Saúde e Loucura**. São Paulo: Hucitec, nº 2, 1993

LAWSON, Eduardo Arthur. **Entrevista concedida a Mateus Trevisan França sobre a memória do basquete na cidade do Rio Grande**. Rio Grande, 20/01/2009.

RAGO, Margareth. Libertar a história In: RAGO, Margareth, ORLANDI, Luiz B. Lacerda, VEIGANETO, Alfredo (Orgs.). **Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SIMSON, Olga (Org). **Os desafios contemporâneos da História Oral**. Campinas: Área de Publicações CMU/Unicamp, 1997.

STIGGER, Marco Paulo. **Educação Física, esporte e diversidade**. Autores Associados. Campinas SP, 2005. Coleção Educação física e esportes.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história**. Tradução de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. Editora Universidade de Brasília, 1982.

Tatiana Teixeira Silveira  
Rua Gardênio Scorzato 1296B/sobrado2  
Bairro Vista Alegre, Curitiba/PR  
(41)30450691  
tatisilve@hotmail.com